



## ESTUDO DE CASO SOBRE A OCUPAÇÃO DESORDENADA NA FLORESTA PLUVIAL ATLÂNTICA: BAIRRO BARÃO DE JAVARY, MIGUEL PEREIRA, RJ.

Costa, N. F.<sup>1</sup>; Ferreira, V. S.<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto pé de planta, nataliafortuna@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Instituto pé de planta, [ferreiravs@hotmail.com](mailto:ferreiravs@hotmail.com)

**Palavras-chave:** Barão de Javary, Miguel Pereira, ocupação desordenada.

### INTRODUÇÃO

O avanço da urbanização ao longo dos séculos, bem como a alteração nos padrões de vida da sociedade, provocou o aumento na demanda por recursos naturais, elevando a pressão sobre os mesmos. A região estudada localiza-se no Estado do Rio de Janeiro, no município de Miguel Pereira, bairro Barão de Javary, medindo 3,42ha, numa extensão linear de 325,0m tendo seu eixo determinado pelas coordenadas: 22°27'45.25"S, 43°29'30.94"O e 22°27'48.75"S, 43°29'41.66"O. O crescimento desordenado das áreas urbanizadas provoca, através da tecnologia humana, grave desintegração e perturbação dos processos ecológicos que sustentam nosso ambiente natural (CAPRA, 1999). O processo de urbanização brasileira ocorre de maneira não planejada, sendo que o fenômeno da periferização e o surgimento das favelas ocorrem à revelia do poder público. Esses processos urbanos contribuíram para o surgimento de diversos problemas na maioria das cidades, envolvendo questões econômica, sociais e ambientais (UGEDA, 2000).

O objetivo desse trabalho foi verificar o nível de degradação ambiental gerada pela ocupação desordenada e entender o padrão de ocupação e seu impacto no bioma.

### MATERIAL E MÉTODOS

Realizamos a pesquisa através de visitas ao local, fotografias e descrição das moradias. Partimos da premissa que a principal intenção dos invasores foi ter sua casa emboçada e pintada, sendo as casas mais antigas possuidoras dessas características, e as mais recentes apenas no tijolo sem emboço. Nesse caso, os invasores teriam condições similares que garantiriam a conclusão das etapas da casa em um determinado tempo. E as casas emboçadas e pintadas seriam de pessoas de maior poder aquisitivo, do que as demais. Se esse fato for verdadeiro, deveríamos verificar o mesmo para o telhado, e levantamos como





hipótese que o Coeficiente de Variação não deverá apresentar diferença significativa. Caso contrário, o Coeficiente de Variação deve apresentar uma diferença significativa entre as duas situações, demonstrando que o padrão idealizado não se mostra como verdadeiro. Foi escolhido o Coeficiente de Variação como método de análise por ser não-paramétrico e, portanto, adequado para o tratamento com população amostral baixa ( $n=37$ ). Para essa finalidade foi montada uma planilha Excel e calculados os parâmetros da análise conforme anexo e de acordo com Zar (1999). Essa análise foi realizada a fim de verificar o nível socioeconômico dos moradores, além de funcionar como indicativo da realidade local em relação ao formato de ocupação utilizada.

### **RESULTADOS/ DISCUSSÃO**

A ocupação se inicia com o desflorestamento para abrir terrenos, pagamento de impostos e cultivo de frutíferas, para caracterizar o uso da terra, posteriormente, iniciam-se as construções e entram com o pedido de usucapião. Analisando as construções, enquanto a média dos parâmetros analisados apresentou valores aproximados para a base (13,27) e o teto (14,35); o coeficiente de variação demonstrou que a variação foi maior em relação ao teto do que a base (8,9% e 4,4%, respectivamente). Os dados coligidos e analisados indicam que os moradores possuem condições de estruturarem a parte inferior; enquanto que os materiais gastos no teto sofreram uma variação maior, envolvendo diversos valores. Além disso, indicam que os moradores possuem condições de estruturarem a parte inferior, enquanto que o teto sofrerá uma variação maior de acordo com a renda disponível, uma vez que essa parte possui uma maior gama de materiais utilizados, envolvendo diversidade maior de valores. Ou seja, a parte superior é relativamente cara, porém pode ser melhorada com o tempo. Os resultados das análises nos levaram a supor que se esses moradores comprassem terrenos legalizados não teriam as devidas condições para construir suas casas. Todas as questões abordadas evidenciam a maneira como a vegetação local vem sendo devastada e também, que o governo não impõe restrições duras à ocupação, talvez pensando unicamente no desejo dos cidadãos e esquecendo-se de manter a rigidez necessária em relação à segurança ambiental. Pois, não basta apenas “garantir” o desejo do cidadão de ter um local para morar, o Poder Público também tem que ser responsável pela não ocupação de áreas de risco e fornecer a real garantia de segurança. A falta de planejamento é evidente e enquanto não houver uma política séria de ocupação ocorrerão





perdas de parcelas importantes de vegetação e mais pessoas correrão risco ao habitar regiões impróprias, tendo o caos como resultado de um raciocínio circular e degradante.

### CONCLUSÃO

A degradação do local iniciou-se com o desmatamento de uma área em estado inicial de regeneração para a formação de lotes, representando 100% da área impactada (dados atuais), o tempo de ocupação é longo inculcando diversos impactos durante o processo, como: movimentação de terra, compactação de solo, mudança do sistema de drenagem e descaracterização e empobrecimento das estruturas físicas de solo e da vegetação e, conseqüentemente, iniciando um crescente impacto antrópico, com o avanço das ocupações, inclusive nas áreas em estado avançado de regeneração.

Parâmetro	Fórmula
Frequência	$f = x_i / \sum x_j$
Variância	$s^2 = \sum (x_i - \bar{x})^2 * f_i / n - 1$
Média	$\bar{x} = \sum x_i f_i / \sum x f_i$
Desvio Padrão	$s = \sqrt{s^2}$
Coeficiente de Variação	$CV = s / \bar{x} * 100.$

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, F. **O ponto de mutação - A Ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Editora Cultrix, 1999. 445p.
- UGEDA, J. C. J. **Urbanização brasileira, planejamento urbano e planejamento da paisagem.** São Paulo: FCT, 2000. 15p.
- ZAR, J. H. **Biostatistical analysis.** New Jersey: Prentice- Hall, 1999. 123p.

